

# Siquém, símbolo de Israel Norte

Shechem, the symbol of Northern Kingdom

Siquém, símbolo del Israel Norte

Silas Klein Cardoso\*

## RESUMO

O sítio de *Tell Balâṭah*, identificado como a cidade bíblica de Siquém, oferece importantes achados para a reconstrução histórica do Israel Norte, desde o período formativo, até o governo diádoco na Palestina. Este artigo, a partir da confluência e divergência entre registros históricos, textos bíblicos, cultura material e iconográfica, pretende oferecer uma introdução ao seu estudo e auxiliar na interpretação dos textos que perfaçam a história israelita, demonstrando a relação analógica que se estabeleceu entre Siquém e o Reino de Israel Norte. **Palavras-chave:** Siquém; Tell Balatah; arqueologia; Israel Norte; História.

## ABSTRACT

The Tell Balâṭah site, identified with the biblical Shechem, provides valuable data to historical reconstruction of Northern Israel, since the formative period until the diadoch rule on Palestine. This article, from the confluence and divergence between historical records, biblical texts, material and iconographical culture, intend to offer a introduction to this study and auxiliare in the interpretation of texts that elaborates the israelite history, demonstrating the analogical relationship that was created between Shechem and the Northern Kingdom. **Keywords:** Shechem; Tell Balatah; archaeological; Northern Israel; History.

## RESUMEN

El sítio de Tell Balâṭah, identificado como la ciudad bíblica de Siquem, ofrece hallazgos importantes para la reconstrucción histórica del Israel Norte, desde el período formativo hasta que el gobierno Diadocos en Palestina. En este artículo, a partir de la confluencia y divergencia entre los registros históricos, textos bíblicos, la cultura material y la iconografía, tiene como objetivo proporcionar una introducción a su estudio y ayudar en la interpretación de los textos que perfaçam la historia de Israel, lo que demuestra la analógica relación que se establece entre Siquem y el Reino de Israel del Norte. **Palabras clave:** Siquem; Tell Balatah; arqueología; Norte de Israel; Historia.

## Introdução

A cidade de Siquém foi uma das mais importantes grandezas políticas, econômicas e cúltricas desde o início do antigo Israel Norte, quando se tornou o primeiro centro de poder, no início da monarquia nortista, até o período helenista, quando foi palco da reconstrução da religiosidade samaritana e até

---

\* Mestre e doutorando em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bolsista CAPES. E-mail: silasklein@gmail.com

recebeu um Templo, construído para fazer oposição ao jerusalemita. Entretanto, até pouco tempo atrás, seu estudo era negligenciado. Os motivos são diversos: a metodologia antiga empregada nas escavações; as interpretações desatualizadas da História de Israel nos relatórios do sítio; a precariedade de conservação dos achados que restaram (parte deles foram bombardeados na Segunda Guerra); os problemas ideológicos ligados ao poderio palestino; e a leitura teologizante dos textos bíblicos.

Entretanto, novos movimentos colocaram a localidade em pauta novamente. Cito quatro movimentos. Primeiro, o movimento que percebeu as distorções históricas dos textos bíblicos que mencionam Siquém tornaram necessário o estudo da localidade para averiguar convergências e distorções entre textos e cultura material. Segundo, o movimento de dubiedade frente a Monarquia Unida fez com que o site ocupasse lugar central nas discussões sobre a formação do Israel Norte e uma antiga unidade de poder. Terceiro, as discussões sobre o desenvolvimento monoteísmo bíblico, atraíram a atenção para um templo de Siquém citado no texto bíblico. Quarto, a iniciativa da UNESCO, Universidade de Leiden (Holanda) e Departamento de Antiguidades e de Herança Cultural da Palestina, de construir um parque arqueológico na localidade (inaugurado em janeiro de 2015), mostraram a necessidade da reconstrução da história de territórios palestinos sob olhar palestino.

Assim, dialogaremos em nosso artigo com estes enfoques recentes, tentando localizar os principais achados do sítio, as estruturas de poder que o envolveram e a interrelação de textos canônicos e extra-canônicos com a história. Nosso objetivo é fazer uma breve apresentação do sítio, ressaltando pontos de destaque para futuros estudos exegéticos.

## Descobrimo Tell Balâṭah

O sítio de *Tell Balâṭah* é chamado de “a rainha sem coroa da Palestina” (UNESCO, 2015). Localizado a 65km ao norte de Jerusalém, 10km a sudeste de Samaria e 2km ao leste da Neapolis Romana (atual Nablus), o monte artificial<sup>1</sup>, com 2.4 hectares, toma emprestado o atual nome da moderna vila árabe Balâṭah. Entretanto, sua fama vem de tempos antigos. A vila abriga uma antiga cidade cuja principal ocupação se deu entre 4500 AEC e 107 EC, a antiga Siquém, presente nas páginas bíblicas e em muitos documentos do Antigo Oriente Próximo. O nome “Siquém” (heb. שִׁימֹן) lembra a topografia da região, significando, provavelmente, “ombros” ou “costas” (KOEHLER, 1999, p. 1494), por estar localizado na base dos dois maiores montes da Palestina central, Ebal (940 m) ao norte e Gerizim (881 m) ao Sul.

---

<sup>1</sup> As palavras Tel (hebraico) e Tell (árabe) designam um monte artificial criado para assentamento.

Sua posição era privilegiada por estar no entroncamento de rotas importantes, uma que fazendo ligação entre Sul (Jerusalém) e Norte (Wadi Fari'a) e outra dando acesso à rota da planície costeira, chamada Via Maris, que também dava acesso a Samaria. Esse posicionamento garantiu-lhe controle do tráfego comercial e militar na região, tornando-a centro político, econômico e religioso. A água era acessível, visto que há um lençol freático abaixo da cidade, podendo ser alcançado com poços, como de Jacó. Na vila de **Balâtah**, próximo ao limite sul do antigo assentamento, há uma copiosa nascente, que empresta água à vila e também às cidades vizinhas (TAPPY, 2000, p. 1200-1201; TOOMBS, 1992, p. 1174-1175).

Outra aspecto favorável do assentamento é sua propensão agrícola. Além da precipitação anual de 50-60 mm, suficiente para o cultivo, o terreno é composto por *terra rosa*, um solo fértil de terra vermelho-amarronzada. Lawrence Toombs (1992, p. 1175) relembra que a base do solo é composta por calvário, formado cerca de setenta milhões de anos atrás. Nessa época, toda a região, ainda de forma incipiente, teria sido coberta pelo antigo mar Tethys. Por tais características, nas encostas das colinas crescem uvas, figos e azeite, enquanto nos vales crescem grãos e legumes. Também, nas encostas das montanhas, há pastagem para ovelhas e bodes. Frente ao ambiente sociorreligioso da época, é compreensível que uma cidade no entroncamento de rotas e de solo fértil tenha tornado-se centro religioso.

## História das escavações

Em 1903, Hermann Thiersch e um grupo de acadêmicos alemães, ao encontrarem uma grande muralha de três metros de largura, que se estendia por 37m, associaram o antigo e grande centro urbano à antiga cidade Si-quém. A partir disso, uma série de incursões foram realizadas no sítio. Carl Watzinger o escavou rapidamente entre 1907-1909. Entretanto, foi a partir de 1913 que grandes e organizadas escavações se iniciaram. As escavações dividem-se em dois momentos: primeiro por austríacos-alemães e, depois, por esforços americanos.

Ernst Sellin comandou a leva austríaca-alemã de expedições<sup>2</sup>. Eles utilizaram três metodologias: trincheiras exploratórias, rastreamento das muralhas e liberações de área (TOOMBS, 1992, p. 1178). Em 1913 e 1914, Sellin desenterrar a muralha de Thiersch, encontrando um portão de três entradas. Foi nessa época que ele encontrou as quatro principais ocupações do sítio: Helenística, Israelita, Bronze Médio e Calcolítico-Bronze Antigo I. Entre

---

<sup>2</sup> Embora tenham havido mudanças, efetuadas pelo German Archaeological Institute, que tiraram Sellin da direção entre 1928-1931 e o recolocaram em 1933, onde ficou até 1943 (TOOMBS, 1992, p. 1176-1178).

1926 e 1928, depois da Primeira Guerra, Sellin se tornou “diretor teológico”, ao lado de Gabriel Weller, “especialista arqueológico”. Em cinco expedições, encontraram um grande Templo-Fortaleza do Bronze I (c. 1550-1400) e, no setor oriental, o portão leste, com duas entradas do Bronze Tardio II (c. 1400-1200). Sellin finalizou os relatórios em 1943, mas um bombardeio em sua casa os destruiu, junto a muitos achados (TAPPY, 2000, p. 1201).



Parque Arqueológico de *Tell Balâtah*, áreas 1-11. (TAHA; KOUIJ, 2014b, p. 21)

A segunda etapa das escavações se deu entre 1956-1973, num empreendimento conjunto da Drew University, McCormick Theological Seminary, American Schools of Oriental Research (ASOR) e Harvard University. O diretor das expedições foi George Ernest Wright. Ele renovou a metodologia da escavação, utilizando método aprimorado de análise de resíduos de camada e estudo de cerâmica (TOOMBS, 1992, p. 1178). Com isso, descobriu os 24 níveis de assentamentos do sítio. Eles também descobriram quatro períodos desabitados do histórico ocupacional, além de descobrirem um quarteirão de casas e arquitetura pública na acrópole ao leste. Edward F. Campbell conduziu uma exploração regional entre 1964-1972.

Entre 2010-2014 iniciou-se um projeto da UNESCO, financiado pelo governo holandês, para criação do *Tell Balata Archaeological Park*. A implementação se deu pelo trabalho de três empresas MOTA-DACH, University of Leiden (Faculty of Archaeology) e UNESCO. Seus objetivos eram realizar novas pesquisas científicas (novas escavações) e formulação e implementação de um plano administrativo do parque. O projeto, coordenado por palestinos e holandeses, especialmente Hamdan Taha e Gerrit van der Kooij, incluiu, além de novas escavações, um projeto sobre histórias orais da região ao redor do site, inclusos antigos trabalhadores do sítio (TAHA, 2015; TAHA; KOUIJ,

2015). Também foram criados materiais didáticos para professores primários da região (TAHA; KOOIJ, 2014a; TAHA; KOOIJ, 2014b). O parque foi inaugurado em 15 de janeiro de 2015 (UNESCO, 2015).

## Testemunhos escritos da antiga Siquém

Diversos escritos antigos tratam da cidade de Siquém. A primeira menção extrabíblica é a da Estela de Khu-Sebek, nobre da corte do rei Sesostri III (1880-1840 AEC), que traz a descrição de uma campanha do rei contra uma tal *Sekmem* (Siquém). Ali, ele fala sobre como Siquém sentiu os golpes, junto com os Retenu (nome dado aos habitantes da Siro-Palestina). A contraposição entre Siquém e Retenu parece indicar que se tratava do centro de importante unidade territorial (FINDELSTEIN, 2015, p. 33). Nos Textos de Execração, dos Faraós da 12ª Dinastia, é nomeado um Ibish-Hadad de Siquém. Segundo Finkelstein (2015, p. 33), haveriam dois grandes centros de poder na região montanhosa: no norte Siquém e, ao sul, Jerusalém. Os textos mostram o poder político de Siquém (TOOMBS, 1992, p. 1179).

Nas Cartas de Amarna<sup>3</sup>, ela tem lugar de destaque, por sua associação com Lab'ayu: “Gintikirmil pertence a Tagi e os homens de Gintu são a guarnição em Bitsanu [Betsã]. Estamos a agir como Lab'ayu, quando ele estava cedendo a terra de Šakmu [Siquém] aos Ḫapiru?”<sup>4</sup> Do fragmento aceita-se o reinado de Lab'ayu em Siquém no Bronze Tardio IIA (1400-1310 AEC). A partir do pressuposto e tendo em mão os documentos de Amarna, Finkelstein e Na'aman (2005) traçaram um panorama da expansão de Lab'ayu desde Siquém, que alcançou de Galaad e o sul de Basã no norte-leste, até as terras altas centrais de Saron e a planície costeira sul de Yarkon no sul-oeste. Para os autores, o que faltou foi o celeiro do norte, o Vale de Jezrael, depois conquistado pelos Omridas, consolidando a dinastia. Assim, Siquém surge, em Amarna, como centro político no Bronze Tardio.

No cânon hebraico, a palavra aparece 65 vezes em 64 versículos, sendo que dessas, 54 tratam da cidade e arredores e 13 tratam do personagem Siquém, filho de Hamor e príncipe da cidade (Gênesis 34). Não é possível, pelo curto espaço, abordarmos todas as referências, assim selecionamos algumas. Em textos do Hexateuco<sup>5</sup>, o nome Siquém é utilizado literariamente

<sup>3</sup> Amarna é um sítio localizado 340 km abaixo do Cairo. Ali, 382 tabuletas foram encontradas, das quais apenas 32 não eram cartas. Seu conteúdo é diverso e datam do 14º século AEC. (MORAN, 1992, p. XII-XVI)

<sup>4</sup> Cf. EA 289:29, na tradução inglesa (MORAN, 1992, p. 332-333).

<sup>5</sup> Utilizamos a nomenclatura apenas para delimitar a grandeza literária a qual nos referimos, não aderimos, necessariamente, às teses de formação de um Hexateuco original. Pelo contrário, percebemos as diferentes editorações às quais os textos bíblicos foram submetidos. Há conexões literárias tanto entre os cinco (ou quatro) livros da *Torá*, quanto entre as obras compõe os *Nebiim* (Profetas), especialmente os Profetas Anteriores.

como local de alianças e de adoração primitiva. Os textos de Gênesis 12.6; 35.4; Josué 24.1, 25 inauguram a fé da “terra prometida” num contexto de limpeza cútica, como que substituindo as perversidades da terra<sup>6</sup> (Cf. também Gênesis 33.18, 19; 34; Josué 24.32). Outra tradição da Torá sobre Siquém é a que a associa ao local de enterro de José. Em Gênesis 33.19, Jacó compra um campo dos filhos de Hemor que, após José pedir para ser levado de volta para a terra de Israel (Gênesis 50.25-26; Cf. Êxodo 13.19), se torna seu local de repouso (Josué 24.32), tradição relembrada na única referência à cidade no Novo Testamento (Atos 7.16). Siquém, aqui, é antigo santuário israelita, símbolo de perversidades e que deve ser substituído (Josué 24).

Em Juízes, Siquém é palco — e refrão, juntamente com as palavras Jerubaal e Abimelec — da história de Abimelec, suposto filho de Gedeão (Cf. LEWIS, 1996, p. 423) que declarou-se rei (Juízes 8.29-9.57). A história, possivelmente retirada de estrato antigo de memória, é curiosamente colocada no centro da estrutura do livro de Juízes<sup>7</sup>, tentando operar contra os reis israelitas na origem do escrito e contra oposições nortistas, na editoração do pós-exílio (IRWIN, 2012). Os textos também revelam a existência de um antigo santuário em Siquém, a uma deidade, possivelmente El sob o epíteto “Baal Berit” (LEWIS, 1996). Outro texto, Juízes 21.19, parece fazer referência a uma antiga rota que passava por Siquém. O mesmo imaginário parece transparecer em Jeremias 41.5 (Cf. também Oseias 6.9). Ali, uma antiga rota de peregrinos que caminhavam para Jerusalém, parece tomar forma (TOOMBBS, 1992, p. 1175). Nesses textos, Siquém é centro político e rota de passagem para os peregrinos de Jerusalém.

Em 1 Reis, Siquém surge no cisma de Roboão (1Reis 12.1, 25; Cf. também 2Crônicas 10.1; Salmos 60.6; 108.7), emoldurando a perícopé. Entretanto, a perícopé parece ser toda retroprojetada dos tempos de Jeroboão II (783-743 AEC) para os de Jeroboão I (931-909 AEC), pela impossibilidade da existência dos santuários de Dã e Betel no período (FINDELSTEIN, 2015, p. 95-97). Assim, nos textos, Siquém surge como centro político, alinhando-se à suspeita de Finkelstein (2015, p. 95), sobre um centro de poder que teria sido deslocado para Tersa (Cf. 1Reis 12.25), antigo centro burocrático, em ordem de iniciar nova política governamental.

---

<sup>6</sup> Reimer e Ribeiro (2008) defenderam ser o texto uma construção mítico-literária do período persa sobrepondo as figuras de Josué, auxiliar de Moisés e Josué, sacerdote pós-exílico.

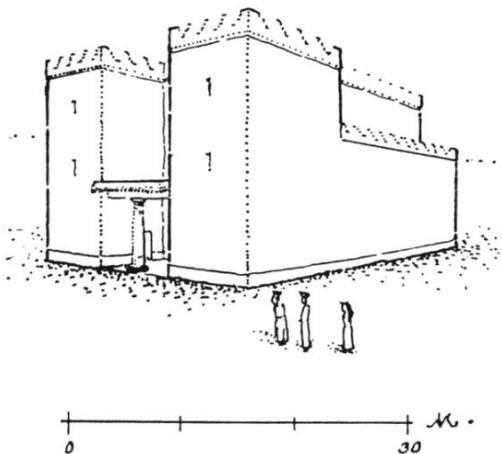
<sup>7</sup> Irwin (2012, p. 445) propõe uma estrutura quinária: (1) Introdução, 1.1-3.6; (2) Juízes da Paz, 3.7-8.28; (3) Incidente de Abimelec; (4) Juízes do Declínio, 10.1-16.31; (5) Conclusão: Colapso do Sistema e Necessidade de um Rei (17.1-21.25). Nessa estrutura, Abimelec seria símbolo da corrupção dos reis do Norte.

## Histórico ocupacional e achados do sítio

*Tell Balâtah* demonstrou 24 níveis ocupacionais<sup>8</sup> nas escavações realizadas, com quatro lacunas, que agora passaremos a descrever principalmente a partir de Toombs (1992, p. 1178-1185), Tappy (2000, p. 1201-1203), Seeger (1997, p. 19-23) e Campbell (2002).

A abundância de água tornou o sítio atrativo desde o Calcolítico (XXIV–XXIII, 4500-3200 AEC). Uma vila agrícola foi encontrada, com barracas em formato circular. Fragmentos de cerâmica demonstram que a vila, em duas ocupações subsequentes, perpetuaram-se até o Bronze Antigo I (3500-3300 AEC). Seguiu-se fase de abandono até 1900 AEC.

Um contexto urbanizado só teve início na transição entre Bronze Médio I (1900-1750 AEC), quando a presença de uma grande e bem-organizada comunidade foi encontrada. Nesses períodos, Siquém é citada na Estela de Khu-Sebek e nos Textos de Execração, onde é citado um Ibish-Hadad de Siquém. Siquém deveria ser o centro de uma confederação de cidades-estados, que resistiam aos interesses expansionistas do Egito na região. No Bronze Médio II (1750-1650 AEC), Stratum XX, a cidade ganha muralhas de 2.5m de largura e uma acrópole. Na acrópole, uma fortificação interna foi encontrada, para o caso dos invasores ultrapassarem a muralha externa. Dentro da área foram descobertos edifícios com quatro fases de construção. No Stratum XIX, foi encontrada a “rampa dos Hicsos”, um monte de terra de 30m de largura e 30/40° de inclinação. No Stratum XVIII havia uma tumbacom



Reconstrução Templo-Fortaleza. (TAHA; KOOIJ. 2014b. p. 25)

8 Estratos: XXIV–XXIII, Calcolítico (4500-3200 AEC) vilarejo; **intervalo 1 (3200-1900AEC)**; XXII–XI, Bronze Médio I (1900-1750 AEC) urbanização primitiva; XX–XVII, Bronze Médio II (1750-1650 AEC) período dos Hicsos; XVI–XV, Bronze Médio III (1650-1550 AEC) próspero centro urbano; **intervalo 2 (1550-1450 AEC)**; XIV, Bronze Tardio IB (1450-1400 AEC) reconstrução total; XIII, Bronze Tardio IIA (1400-1310 AEC) período de Amarna; XII, Bronze Tardio IIB (1200-1125 AEC) domínio israelita; XI, Ferro IA (1125-1100 AEC) domínio israelita; **intervalo 3 (1150/25-975 AEC)**; X-IX, Ferro IB-IIA (975-810 AEC) monarquia inicial; VIII-VII, Ferro IIB (810-724 AEC) monarquia dividida; VI, Ferro IIC (724-600 AEC) dominação assíria; V, Persa (600-475 AEC) declínio cultural; **intervalo 4 (475-331 AEC)**; IV-I, Helenista (325 AEC-100 EC) cidade sagrada samaritana.

dois vasilhames de culto. Não se sabe se eram para enterros humanos ou sacrifícios infantis.

No Bronze Médio III (1650-1550 AEC), diversas construções luxuosas, na esfera pública e privada tomam conta de Siquém. O sistema de defesa da cidade foi reformulado, com dois muros paralelos, formando uma muralha casamata (Muralha Ciclopédica A), que a tornaram importante cidade-estado. Nesse período (área V) também foi encontrado o chamado “Templo Fortaleza” [*fortress-temple*], ou *migdol*, que é associado com o templo descrito em Josué 19.38 e Juízes 8.17. Esse templo tinha 26,3m de largura por 21,2 m de comprimento, as paredes tinham 5m de espessura. Na entrada do templo foram encontradas duas *matsebot* (pedras de culto), do lado sudeste, para captar os primeiros raios solares. No final do período houve grande destruição (Stratum XV), fruto da retaliação dos egípcios contra os dominadores asiáticos, hicsos<sup>9</sup>, quando Siquém foi atacada e destruída.

Após a derrota, o sítio ficou abandonado por aproximadamente um século, quando foi reconstruído. Durante o Bronze Tardio e Ferro Antigo (1450-1100 AEC), houve reutilização das estruturas prévias, especialmente a ‘muralha A’ e portão noroeste. Um novo templo, menor, foi construído na acrópole (área V-VI), com um altar e uma *matsebah* (heb. pedra de culto ou pedra memorial), além de um pódio alimentado com degraus, provavelmente para a estátua da deidade. Esse templo é geralmente associado ao templo de Baal-Berit (Juízes 9.4, 46). Além da época similar (período “dos Juízes”), na camada subsequente (Stratum XII), foi encontrada uma figura de bronze de Baal de 18,4 cm. A figura veste ornamento para a cabeça em formato cônico, utilizado analogamente à coroa branca do Alto Egito. Aparentemente, a figura usava uma lança, demonstrando inclinações simbólicas à violência (LEWIS, 1996, p. 418). Foram encontradas também, diversas estatuetas de Deusas da fertilidade, provavelmente consorte de Baal e mais popular que o marido. É necessário



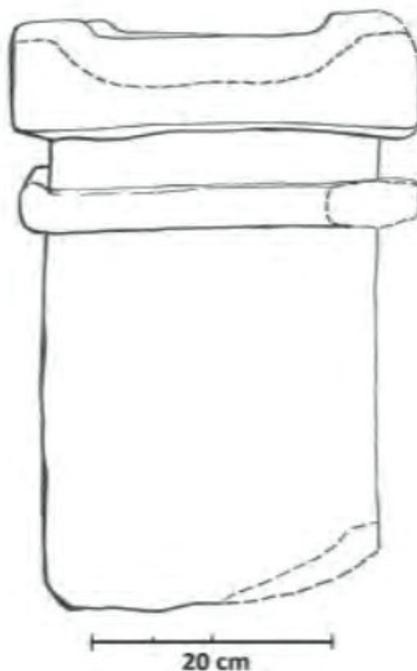
Baal. (TAHA; KOIJ, 2014b, p. 27)

9 Hicsos é o nome grego dado pelos egípcios aos seus dominadores, vindos do sul do Levante. A palavra significa “governantes de países estrangeiros”. Eles dominaram o Egito durante a décima-quinta e décima-sexta dinastias, do Segundo Período Intermediário (alta cronologia, 1674–1550 AEC; baixa cronologia, 1637–1529 AEC). Sua dominação talvez tenha sido bem sucedida pela tecnologia de guerra (cavalos e carros de guerra), embora não hajam fortes evidências materiais da questão. (YOUNGER, 2000)

acentuar que violência e fertilidade surgem com maior naturalidade entre os anos 1100-1000 AEC, no Bronze Tardio II as divindades surgem separadas (KEEL; UEHLINGER, 1998, p. 96, 109-131).

O Stratum XIII (1400-1310 AEC) ainda traz a camada governada por Lab'ayu, citado na correspondência de Amarna. Lab'ayu aproveita-se do vácuo de poder egípcio na região no período e expande-se, formando uma coalizão anti-Egito, até se aproximar do Vale de Jezrael. A coalizão de Siquém compreendeu, na interpretação da Na'aman e Finkelstein (2015, p. 33-39): Gezer, Ginti-Kirmil, Tel Jocneão, Anaarat, Pehel e Shim'on. Favoráveis ao Egito estava Meguido, Roob, Acsaf e Aco e Hasor. Após Lab'ayu ser preso, seus filhos continuaram sua política territorial, governando de Siquém e Pehel. Após esse período, o sítio foi destruído por fogo. Com isso, as fases XII-XI já trazem um contexto de menor poder político. Geralmente o Stratum XI é o que se associa ao tratado entre israelitas e siquemitas (Josué 24) e a decadência deste nível (c. 1125) é geralmente associada ao reinado de Abimelec. Entretanto, a antiguidade da história, distante dos tempos letrados do Antigo Israel tornam-na improvável no período.

Os níveis X-IX (975-810 AEC) são separados por uma camada de destruição, que geralmente se atribui à campanha do Faraó Sheshonq I. Entretanto, o local não é mencionado na lista de conquistas do Faraó, no Templo de Amun em Karnak (FINKELSTEIN, 2002, p.123; PRITCHARD, 1969, p. 242 [ANET]). O nível X, nas pesquisas antigas, se relacionava à monarquia unida, tempo de prosperidade, enquanto o nível IX seria a reconstrução de Jeroboão I da cidade, antes da mudança para Tera (Cf. 1Reis 12.25). Finkelstein (2015, p. 57-84) sugere que a destruição por Sheshonq tenha se dado na expansão do reino saulida, que ameaçava interesses egípcios, tirando do horizonte a monarquia unida, hoje desacreditada<sup>10</sup>. Mas, com isso, a destruição ficaria inexplicada. Finkelstein (2015, p. 44-45) sugere que história de Abimelec



Altar com chifres da Idade do Ferro.  
(TAHA; KOOIJ, 2014b, p. 30)

10 Cf., p.ex., a proposta de Finkelstein e Silberman (2003)

possa guardar memórias desse momento: um homem forte nas montanhas, similar a Lab'ayu, que teria governado em tempos ainda pré-monárquicos uma extensão territorial nas montanhas de Efraim, incluindo o antigo centro de culto, Silo. Já após o tempo da dinastia saulida, a destruição do centro em Gabaon/Gabaá, teria aberto espaço para a ascensão de Jeroboão I, cujo centro de poder estava em Siquém-Tersa (FINKELSTEIN, 2015, p. 104-105). O Stratum IX também encerra-se em destruição, talvez por Damasco (cf. 1Rs 20).

No Ferro IIB (810-724 AEC), Siquém teria perdido parte de seu poder político, pela transferência da capital para Tersa (TOOMBS, 1992, p. 1185). Tersa (Tell el-Far'ah) também não apresenta arquitetura monumental, entretanto, a abundância de selos deve ter dado-lhe status de centro burocrático, ao que Finkelstein (2015, p. 96), sugere que a característica modesta de um sítio não está ligada à sua capacidade de expansão. De qualquer forma, nesse período Siquém é citada no Ostraco de Samaria, sobre uma taxaço de vinhos, mostrando sua centralidade. No Stratum VIII, há indícios das primeiras investidas assírias contra a cidade (2Rs 15.13-16). Na área VII, Stratum VII, há uma casa com pátio [*courtyard house*], cuja destruição assinala o final do período, tempo da investida final assíria (724-722 AEC).



Selo assírio. (TAHA; KOOLJ, 2014b, p. 29)



Tetradracma. (TAHA; KOOLJ, 2014b, p. 25)

O Stratum V mostra a decadência pós destruição do Reino do Norte. Há empobrecimento em todos os aspectos da cultura. Há diversas imitações da cerâmica assíria em argila local, mostrando a soberania dos senhores assírios sobre a cidade. Entre 475 e 331 AEC a cidade permaneceu abandonada. Com a incursão de Alexandre sobre a região, samaritanos fugiram e restauraram Siquém, construindo seu templo no Monte Gerizim (Tell er-Ras), para fazer oposição ao Templo de Jerusalém. As casas do período são de excelente qualidade e ruas largas separavam os quarteirões de residências. No terceiro século AEC, entretanto, a cidade ficou na fronteira do conflito entre Selêucidas da Síria e Ptolomeus do Egito, sofrendo as sequelas da disputa

territorial. Em um pequeno pote de uma casa na área VII, se encontraram 35 tetradracmas de prata, provavelmente deixadas para trás por refugiados do nível III. Há, depois, uma mudança drástica nas moedas do sítio, quando da transição de poder aos Selêucidas (Stratum II). A destruição de Siquém se deu em 107-108 AEC (128 AEC, segundo Josefo, *Ant.* 13.254-256<sup>11</sup>, 275-281), pelas mãos de João Hircano.

## Considerações

Siquém floresceu muito antes do que o que conhecemos por “Reino do Norte” nascer. Entretanto, sua origem e destinos estão intimamente ligados. Importante centro político desde a Idade do Bronze Médio I, Siquém é citada na estela de Khu-Sebek e nos Textos de Execração, quedemonstram que era o centro político das montanhas de Efraim — paralelo a Jerusalém, que governava as montanhas ao sul — muitos séculos antes de compor o Israel/Judá bíblicos. O status se manteve no Bronze Tardio, quando Siquém se tornou a mais importante cidade-estado a se opor ao Egito, quase alcançando o domínio de toda a Palestina com Lab’ayu. No Ferro I provavelmente tornou-se centro para a tentativa de novo governo de um homem forte nas montanhas de Efraim só para, depois, ter se associado ao domínio de Saul e filhos e ser utilizada como capital por Jeroboão I, antes de Tera. Siquém ruiu primeiro com a destruição Assíria em 722 e, séculos depois, na época de Alexandre, renasceu quando samaritanos ali se refugiaram, construindo seu templo em Gerizim.

De certa forma, Siquém esteve presente em toda a história do Israel Norte, desde o começo da entidade territorial até seu fim, com os Assírios e renascimento, com os samaritanos de Gerizim, tempo esse da escrita/compilação do Pentateuco. Acreditamos que essa presença e conseqüente retorno forneceram a ela a característica de símbolo do Reino do Norte. Assim, a presença de Siquém no texto bíblico se desvelaria em, ao menos, duas formas: (1) em símbolo do poder político das montanhas efraimitas, nos estratos de memórias originais que teriam sido conservados em Betel, antes da queda do norte como, por exemplo, no Livro dos Salvadores, em Juízes e em parcelas antigas de 1Reis; (2) em símbolo da perversidade cáltica, onde sob a pena

---

11 Trecho de Josefo: “(254) Mas, quando Hircano ouviu falar da morte de Antioco, ele prontamente fez uma expedição contra as cidades da Síria, esperando encontrá-las destituídas de homens para combate e incapazes de defendê-las. (255) Entretanto, não foi até o sexto mês que tomou Madava e não sem grande angústia de seu exército. Depois ele tomou Samega e lugares vizinhos; e, além desses, Siquém e Gerizim e a nação dos Cuteanos, (256) que habitavam no templo assemelhado àquele de Jerusalém e que Alexandre permitiu que Sambalate, o general de seu exército, construísse para o bem de Manassés, que era genro de Jadau, sumo-sacerdote, como reportamos anteriormente” (JOSEPHUS; WHISTON, 1987) [Tradução nossa].

judaíta configuraria a oposição pós-exílica frente aos samaritanos, como vemos, por exemplo, nos “incircuncisos” filhos de Hamor que violentam Dinah (heb. “aquela que é julgada”?) em Gênesis 34 e, também, local de escolha do “bem *versus* o mal” em Josué 24. História que, em alguns níveis, organiza-se como unidade com o arco aberto na história de Abraão e a caracterização pejorativa — cananita — da terra (cf. Gênesis 12.6).

## Referências bibliográficas

- CAMPBELL, Edward F. *Shechem III: The statigraphy and architecture of Shechem/Tell Balatab*. Volume 1, Text. Boston: ASOR, 2002.
- CAMPBELL, Edward F. *Shechem III: The Statigraphy and Architecture of Shechem/Tell Balatab, Volume 2, Images*. Boston: ASOR, 2002
- FINKELSTEIN, Israel. *O reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte*. Tradução de Silas Klein Cardoso e Elcio V. S. Mendonça. São Paulo: Paulus, 2015.
- FINKELSTEIN, Israel. “The Campaign of Shoshenq I to Palestine: a guide to the 10th century BCE polity”, *ZDVP* 118, p. 109-135, 2002.
- FINKELSTEIN, Israel; NA'AMAN, Nadav. “Shechem of the Amarna Period and the rise of the Northern Kingdom of Israel”, *Israel Exploration Journal* 55, n. 2, p. 172-193, 2005.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. Tradução de Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.
- IRWIN, Brian P. “Not Just any King: Abimelech, the Northern Monarchy, and the Final Form of Judges”, *Journal of Biblical Literature* 131, n. 3, p. 443-454, 2012.
- JOSEPHUS, Flavius; WHISTON, William. *The works of Josephus: complete and unabridged*. Peabody: Hendrickson, 1987.
- KEEL, Othmar; UEHLINGER, Christoph. *Gods, goddesses and images of God in ancient Israel*. Trad. Thomas Trapp. Minneapolis: Fortress Press, 1998.
- KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter; RICHARDSON, M. E. J.; STAMM, Johann Jakob. *The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament* [HALOT]. Leiden; New York: E.J. Brill, 1999.
- LEWIS, Theodore J. “The Identity and Function of El/Baal Berith”, *Journal of Biblical Literature* 115, n. 3, p. 401-423, 1996.
- MORAN, William L. *The Amarna letters*. English-language ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.
- PRITCHARD, James Bennett (org.). *The Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* [ANET]. 3rd ed. with Supplement. Princeton: Princeton University Press, 1969
- REIMER, Haroldo; RIBEIRO, Osvaldo Luiz. *De Siquén a Jerusalén: Josué 24,1-28 como narración mítico-literaria*. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/ribla/ribla61/haroldo.html>>. Acesso em: 06/06/2015 [2008].
- SEGER, Joe D. “Shechem”. In: MEYERS, Eric M. *The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East*. Vol. 5. New York: Oxford University Press, 1997, p. 19-23.

TAHA, Hamdan. *Memoirs of Tell Balata*. Disponível em: <[https://www.academia.edu/9638968/Memories\\_of\\_Tell\\_Balata](https://www.academia.edu/9638968/Memories_of_Tell_Balata)>. Acesso em: 06/06/2015.

TAHA, Hamdan; KOOIJ, Gerrit van der. *Stories about Tell Balata*. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12675631/%D8%B1%D9%88%D8%A7%D9%8A%D8%A7%D8%AA\\_%D8%AD%D9%88%D9%84\\_%D8%AA%D9%84\\_%D8%A8%D9%84%D8%A7%D8%B7%D8%A9\\_Stories\\_about\\_Tell\\_Balata](https://www.academia.edu/12675631/%D8%B1%D9%88%D8%A7%D9%8A%D8%A7%D8%AA_%D8%AD%D9%88%D9%84_%D8%AA%D9%84_%D8%A8%D9%84%D8%A7%D8%B7%D8%A9_Stories_about_Tell_Balata)>. Acesso em: 06/06/2015.

TAHA, Hamdal; KOOIJ, Gerrit van der. *Teachers handbook for archaeological heritage in Palestine, Tell Balata*. Ramallah: Department of Antiquities and Cultural Heritage; Ministry of Tourism and Antiquities, 2014a.

TAHA, Hamdal; KOOIJ, Gerrit van der. *Tell Balata Archaeological Park: Guidebook*. Ramallah: Department of Antiquities and Cultural Heritage; Ministry of Tourism and Antiquities, 2014b.

TAPPY, Ron E. "Shechem". In: FREEDMAN, David Noel; MYERS, Allen C.; BECK, Astrid B. (orgs.). *Eerdmans dictionary of the Bible*. Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 2000, p. 1200-1203.

*Tell Balata Archaeological Site - The Project Site*. Disponível em: <<http://www.tellbalata.com>>. Acesso em: 06/06/2015.

*Tell Balata Archaeological Site - The University of Leiden Site*. Disponível em: <<http://archaeology.leiden.edu/research/neareast-egypt/projects/tell-balata-sichem.html>>. Acesso em: 06/06/2015.

TOOMBS, Lawrence E. "Shechem (Place)". In: FREEDMAN, David Noel (org.). *The Anchor Yale Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992, v5, p. 1174-1186.

UNESCO. MoTA, *UNESCO and the representative office of the Netherlands joint statement on the closing of Tell Balata Archaeological Park project*. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/en/member-states/single-view/news/mota\\_unesco\\_and\\_the\\_representative\\_office\\_of\\_the\\_netherlands\\_joint\\_statement\\_on\\_the\\_closing\\_of\\_tell\\_balata\\_archeological\\_park\\_project/#.VXOw6OesZDY](http://www.unesco.org/new/en/member-states/single-view/news/mota_unesco_and_the_representative_office_of_the_netherlands_joint_statement_on_the_closing_of_tell_balata_archeological_park_project/#.VXOw6OesZDY)>. Acesso em: 06/06/2015.

YOUNGER, K. Lawson Jr. "Hyksos". In: FREEDMAN, David Noel; MYERS, Allen C.; BECK, Astrid B. (orgs.). *Eerdmans dictionary of the Bible*. Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 2000, p. 620-621.

Submetido em: 15/09/2015

Aceito em: 10/10/2015